

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ENFERMAGEM  
BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA**

**COMPLEXO DE CINDERELA:  
A SAÚDE DAS MULHERES E OS CONTOS DE FADAS**

**LAYNE MARTINS FERRAZ**

**Porto Alegre 2023**

LAYNE MARTINS FERRAZ

**COMPLEXO DE CINDERELA:  
A SAÚDE DAS MULHERES E OS CONTOS DE FADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva, junto à Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Cristianne Maria Famer Rocha

Porto Alegre 2023

# COMPLEXO DE CINDERELA: A SAÚDE DAS MULHERES E OS CONTOS DE FADAS<sup>1</sup>

Layne Martins Ferraz<sup>2</sup>

## RESUMO

---

A subjetividade dos indivíduos é construída desde a infância, a qual se baseia, principalmente, nas acepções sociais que os rodeiam. Nesse sentido, é lógico afirmar que os contos de fada, comumente presentes na vida desses sujeitos, permeiam os processos de edificação do indivíduo, logo, exercem grande papel social na medida em que refletem inclinações sociais e influência no desenvolvimento infantil. A partir dessa afirmativa, o presente artigo buscou compreender de que forma o conto da Cinderela repercute na saúde das mulheres, alicerçado no escrito “Complexo de Cinderela” de Colette Dowling (1981). **Método:** Análise documental sob a perspectiva do conceito do *Complexo de Cinderela*, presente no livro de mesmo nome, acima citado, a partir da coleta de dados junto a duas redes sociais, através das palavras chaves e *hashtags*, durante um intervalo de sete dias. **Resultados:** É possível identificar, a partir dos dados coletados no estudo, algumas das estratégias através das quais o *Complexo de Cinderela* atua na saúde das mulheres. A temática requer especial atenção das pessoas, de maneira geral, das mulheres, que sofrem as consequências dos discursos proferidos em prol desse *Complexo*, mas também das autoridades sanitárias que deveriam propor ações de Educação e Promoção em Saúde que permitissem às mulheres – e, na maioria das vezes, às jovens e adolescentes – vislumbrar outras possibilidades de vida, para além daquelas promovidas com o interesse de docilizá-las para que assumam papéis subalternos na sociedade.

## INTRODUÇÃO

Os contos de fada<sup>3</sup> têm importante papel social na medida que refletem as inclinações sociais e exercem grande influência no desenvolvimento infantil e na construção da subjetividade do indivíduo. Para além do exposto, vale ressaltar que esses são utilizados como instrumentos que auxiliam na educação da criança, fazendo parte da formação do sujeito e criando a ideia de que se deve ter esperança em relação ao êxito das ocasiões. Entretanto, da mesma maneira, os contos em questão auxiliam na manutenção da desigualdade de gênero,

---

<sup>1</sup> Este artigo será submetido à Revista Saberes Plurais, cujas regras de submissão estão disponíveis em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/about/submissions>

<sup>2</sup> Acadêmica do Bacharelado em Saúde Coletiva, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristianne Maria Famer Rocha, do Departamento de Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>3</sup> Contos de fadas são histórias comuns com origem no folclore oral de tempos remotos. São curtas e se passam em um mundo belo e fantasioso, com personagens fantásticos, tais como fadas, magos, dragões e etc.

estabelecendo, em suas histórias mais comumente citadas, hierarquia de gênero, arquétipos femininos, superioridade masculina e outras problemáticas refutáveis.

Dentre os contos mais conhecidos, pode-se citar “Cinderela”. Apesar das diversas versões que foram criadas sobre a história de Cinderela, a mais conhecida é aquela que relata a vida de uma jovem órfã de pai e mãe que, após a morte de seu pai, passa a ser criada pela madrasta, a qual possuía duas outras filhas. As três passam o decorrer da história humilhando Cinderela e a fazendo de serviçal em todas as atividades domésticas. A problemática da história começa a partir disso, uma vez que Cinderela realiza todos os afazeres domésticos com muito primor, domesticidade e obediência, de forma a naturalizar que lugar de mulher é em casa.

O rumo do conto se altera quando a protagonista encontra um príncipe pelo qual se apaixona. Com o auxílio de uma fada madrinha, Cinderela ganha vestimentas elegantes, como o famoso sapatinho de cristal, para além de uma carruagem que a conduz até o baile. A vida de Cinderela melhora quando ela vive sua história de amor com o príncipe, o qual a liberta da vida que tinha com a madrasta. Esse é um dos contos mais memoráveis para a maioria das crianças, mas se trata, na realidade, de uma história representante de um arquétipo feminino no qual a mulher foi criada sob a crença de que sua felicidade depende única e exclusivamente de um homem que lhe ofereça uma vida feliz, ademais dos marcos deixados na construção da subjetividade das meninas: obediência, domesticidade e feminilidade.

Tomando como base o conto da Cinderela, a pesquisadora Colette Dowling, em 1981, estudou e constatou o medo que a maior parte das mulheres têm em relação à própria independência. Colette Dowling é uma escritora branca norte-americana, que nasceu em 1938 e foi criada em Baltimore, cidade do estado de Maryland, Estados Unidos da América, e formou-se no Trinity College em Washington, Distrito de Columbia, em 1958. A escritora publicou, no total, oito livros, mas se tornou conhecida pelo livro “Complexo de Cinderela”, best-seller internacional traduzido para 23 idiomas. Cabe destacar que a base de pesquisa da obra são mulheres brancas, norte-americanas, de classe média e classe média alta, sendo assim, a obra não traz nenhum recorte racial e não se aplica da mesma maneira à realidade de todas as mulheres existentes.

A partir disso, Dowling afirma que essas mulheres, bases de sua pesquisa, possuem em seu inconsciente o desejo de serem cuidadas o tempo todo, de forma a ignorar suas próprias vontades e gostos, tratando, por consequência, a independência como ameaça, denominando esse fenômeno como *Complexo de Cinderela*. Como reitera Manuela Xavier

(2022), a obediência extrai a autoconfiança, a domesticidade limita a potência criativa e produtiva e as performances de feminilidade minam a autoestima.

Com base no exposto, o objetivo desta pesquisa é compreender de que forma o Complexo de Cinderela influencia na saúde das mulheres, se baseando no seu conceito amplo, definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”, a partir da leitura do livro de Colette Dowling (1981).

Tendo em mente que os contos infantis são uma fonte importante sobre a cultura e paradigmas sociais, do mesmo modo na perspectiva de influência na construção do ser, o presente trabalho se justifica por pretender analisar como o *Complexo de Cinderela* é vivenciado pelas mulheres, considerando o quanto tal Complexo influi na saúde das mulheres. De acordo com Dowling (1981), o *Complexo de Cinderela* traz inúmeros prejuízos à vida das mulheres, dentre eles pode-se citar a frustração, a baixa autoestima, a perda de sua autonomia e a autoconfiança, bem como a ideia de necessitar ser dependente emocional e financeiramente de um homem para ser feliz.

As crenças produzidas por este *Complexo* se mostram inadequadas, machistas e extremamente limitantes e fazem com que as mulheres se encontrem em um estado estático de frustração constantemente, isso por estarem inseridas em um contexto de inferioridade em relação aos homens. O que os estudos de Colette Dowling (1981) apontam é que educar as mulheres exclusivamente com esse intuito não é saudável para elas. Mulheres e homens são seres com dignidade e requerem direitos, oportunidades e liberdades equivalentes, entretanto, ainda hoje, passados mais de quatro décadas, desde o lançamento do livro de Dowling (1981), mulheres ainda não são criadas para a liberdade, mas sim para a dependência e obediência.

A temática aqui abordada, conforme apresentado anteriormente, trabalha com categorias indispensáveis ao pensar o campo da Saúde Coletiva, o qual se baseia em um conceito amplo de saúde, conceito esse permeado por questões de gênero. Ou seja, o *Complexo de Cinderela* é digno de destaque nessa linha de estudo na medida em que aborda questões que oferecem riscos à saúde de um segmento da população no geral, já que os processos envolvidos nesse *Complexo* podem apresentar como produto danos à saúde mental e ausência de qualidade de vida no grupo de indivíduos em questão, sendo considerados determinantes sociais motivadores de iniquidades em saúde.

## CONTEXTO INSPIRADOR

O *Complexo de Cinderela* resulta em mulheres que acreditam não possuir alternativas, além dos cuidados domésticos, e que sua felicidade está vinculada ao matrimônio heteronormativo. Tal *Complexo*, segundo Dowling (1981), se origina na infância, conforme reitera o artigo “Os contos de fadas e a formação do ser humano”, de Kelly Haro Beneton (2013). Afinal, meninas são criadas sob a ideia de que, em algum momento, serão salvas pelo príncipe encantado, seja ele quem for, rumo à felicidade e que, por esse motivo, devem estar sempre esperando, aguardando, mantendo a ideia de que a felicidade não pode ser obtida por conta própria.

A partir dessa ideia perpetuada, as mulheres deixam de acreditar que podem ser felizes por si só, independentemente da presença e dependência de um homem, de forma a perder sua autodeterminação. A afirmação de que todos somos metades, segundo José Roberto Marques (2020), tem sido bastante criticada por psicólogos atualmente, uma vez que os seres são completos e possuem o suficiente em si para serem felizes, com ou sem alguém. Essa ideia de que mulheres são e devem ser dependentes faz com que muitas se encontrem em situação de vulnerabilidade dentro de relacionamentos abusivos, insatisfatórios e, até, violentos.

Aqui cabe ressaltar que existem vários tipos de comportamentos e atitudes que são caracterizados como violência, sendo ela não só física. Dentro do contexto de violência contra a mulher, é importante fazer ressalva a alguns tipos de crueldade comumente vistos nesse âmbito. Dentre eles está a violência física, conhecida por demasiada parte do senso comum, que é caracterizada pela utilização da força física, por exemplo, através de socos, empurrões, submissões físicas, ferimentos com objetos e etc. Ademais, pode-se citar a violência psicológica, muitas vezes subestimada por não apresentar lesão corporal visível. A violência psicológica é identificada através de opressões psicológicas, como ameaças, humilhações e intimidações.

Posteriormente, pode-se mencionar a violência moral, cometida através de opressão e/ou exposição da vítima em questão, através de difamações, chantagens e calúnias. Dentre os diversos tipos de violência que são utilizados contra mulheres frequentemente, também está a violência sexual, que se trata da imposição de cunho sexual sem consentimento, ou seja, dentro desse espectro se encaixam os abusos, assédios, exposições da ou à nudez, estupro e etc. Por fim, mas de igual importância, existe a violência patrimonial, que, segundo o artigo 7º, da lei Maria da Penha (2006), trata-se de feitos que resultam no dano direto à bens ou a possibilidade de controle desses por aquele que possui direito sobre os próprios, o que engloba a violência econômica, por exemplo, no contexto de retenção de bens ou capital,

impondo a dependência econômica da vítima àquele que toma posse de seus recursos. Os conceitos citados são firmados por Pedro Menezes, Professor de Filosofia, Mestre em Ciências da Educação, em artigo disponibilizado no site “diferença”.

Para além das consequências pessoais, pode-se citar também as consequências na vida profissional dessas mulheres que padecem do *Complexo de Cinderela*. Muito comumente encontram-se mulheres com dificuldade para desempenharem papéis de liderança, por exemplo. Dentre os motivos pelos quais isso é um fato, está a ausência de confiança em si mesmas. De acordo com o artigo “A mulher moderna e o Complexo de Cinderela”, de Silvana Batista Alves e Antônio Carlos Zandonadi (2017), tal *Complexo* passa a ideia de que a mulher não precisa de si própria para alcançar seus objetivos, mas sim dos outros.

Tal observação se relaciona diretamente com a Síndrome da Impostora, a qual foi identificada pela primeira vez por duas psicoterapeutas norte-americanas no final do ano de 1970. A síndrome referida acomete majoritariamente mulheres, na qual a mulher em questão se autossabota por não acreditar na sua competência e capacidade, criando uma perspectiva negativa de si mesma e de seus feitos, em que predomina o demérito.

Outrossim, o *Complexo de Cinderela* tem interferência negativa na autoestima das mulheres e, conforme afirma Dowling (1981), muitas vezes isso reflete em suas vidas profissionais e resulta na permanência de mulheres em cargos com pouca expressividade nas empresas. Geralmente, tal decisão (ou imposição) está relacionada à crença de que, em cargos subalternos, serão melhor cuidadas.

Nessa mesma linha, de acordo com dados da União Interparlamentar, em 2016, as mulheres no mundo são 22,6% dos representantes do povo no Poder Legislativo, uma porcentagem já expressivamente baixa (EBC, 2022). No Brasil, elas são apenas 8,6%. Em 2022, no Brasil, foram eleitas para cargos legislativos, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2022), 302 mulheres, o que equivale a 17,8% dos eleitos no geral. Desses 17,8%, apenas 36% são mulheres não brancas, sendo 4% indígenas e 32% negras. Dessa forma, é indispensável que possamos identificar o *Complexo de Cinderela* nas mais diversas situações e suas respectivas consequências no bem-estar social das mulheres, no Brasil e no mundo.

É incoerente esperar que mulheres estejam em cargos de liderança, ou exerçam grande representatividade, se essas são criadas e ensinadas a serem dependentes, prendadas domesticamente e tolerantes, para além de, quando inseridas no mercado de trabalho, se encontrarem dentro de um ambiente machista e racista. Sendo, dessa forma, compreensível, entender o receio dessas em se tornarem indivíduos independentes e autossuficientes. Essas mulheres cresceram ouvindo histórias de princesas que a todo momento são salvas pelo

príncipe encantado e tem sua vida mudada para melhor, sem a necessidade de fazerem algo para além de esperar.

Ademais, também se faz necessário ressaltar a importância do recorte racial relacionado a essa temática, uma vez que o *Complexo de Cinderela*, ao afetar mulheres negras, se mostra prejudicial em maior grau. Isso acontece porque já existe uma maior objetificação dessas, tornando-as mais suscetíveis às outras consequências provenientes do *Complexo*. A exemplo de desenvolvimento de traumas em relação a sua imagem, já que o padrão estético estabelecido é um padrão de beleza europeu que se deu de maneira violenta em alguns países, principalmente no Brasil, que iniciou um processo de escravidão no início do século XVI. As conjunturas que envolvem a construção da supremacia branca, exemplificada nos contos de fadas, resultam no menosprezo em relação a população negra, o que facilita o desenvolvimento da dependência emocional, dentro de relacionamentos afetivos, proveniente das mulheres negras, já que “encontrar o amor”, em uma sociedade racista, para elas é mais fatigante.

Para além do exposto, é visível que crença na necessidade de dependência de um homem, comumente observada nas mulheres que sofrem do *Complexo de Cinderela*, aborda muitas questões de gênero. Dessa forma, é imprescindível que se relacione a concepção de gênero com os processos de saúde, isso porque a população feminina é indiscutivelmente mais suscetível a violência em decorrência do seu gênero, como aponta o artigo "Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário" de Silvana Maria Escorsim (2014). A manutenção das estatísticas que comprovam isso se dá também em função da crença de que as mulheres precisam dos homens mesmo quando inseridas em um contexto de violência proveniente do parceiro em questão.

O artigo “Violência de gênero no campo da saúde coletiva: conquistas e desafios”, de Lilia Blima Schraiber, Ana Flávia Pires Lucas d’ Oliveira, Ana Paula Portella e Eleonora Menicucci (2009), mostra a banalização da violência e a naturalização dos comportamentos que a compõem, indicando que a violência de gênero, que se sobressai em relação à violência contra a mulher, é algo incorporado nos acordos sociais, os quais são reforçados pelos contos de fadas através do estabelecimento dos papéis de gênero.

A violência de gênero, conforme indica a produção textual "Violências: O olhar da saúde coletiva", de Élide Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel (2006), não é incomum ou inexplicável, mas sim resultados de práticas aprendidas, fruto de uma organização social desigual interseccionada por relações de poder, controle e misoginia, presentes nas entrelinhas dos contos de fadas e na sua construção da mulher e do homem ideal. Ou seja,

tudo isso está relacionado a uma construção social machista e que insere, por consequência, mulheres em contextos e situações de violência.

A temática em questão é digna de enfoque no campo da Saúde Coletiva, que por sua vez abrange a acepção ampla de saúde, sendo ela o estado de bem-estar físico, mental e social (OMS, 1946), para além de investigar as variáveis sociais que resultam nos problemas de saúde. Como visto nos parágrafos anteriores, a saúde das mulheres necessita ser pautada com atenção especial, isso porque ser mulher ainda é uma tarefa árdua, já que essas estão sujeitas a diversas violências que são produto de relações desiguais e moldadas desde a infância dos indivíduos envolvidos, conforme reitera Tainá Abicassis Teixeira, no artigo “Violência contra as mulheres como problema de saúde pública: desafios e perspectivas” (2017).

## **METODOLOGIA**

Essa é uma pesquisa exploratória que se deu a partir de uma análise documental sob a perspectiva do conceito do *Complexo de Cinderela*, presente no livro “Complexo de Cinderela - Edição comemorativa de 40 anos: Desenvolvendo o medo inconsciente da independência feminina”, de Colette Dowling (1981). A coleta de dados foi feita de forma manual a partir da pesquisa por palavras chaves e *hashtags* em duas redes sociais, *Instagram*<sup>4</sup> e *Twitter*<sup>5</sup>, durante um intervalo de sete dias.

As palavras-chave foram escolhidas com base nos temas que se relacionassem com o *Complexo*, os quais foram identificados a partir da leitura do livro de referência. Foi realizado um brainstorming durante aproximadamente duas horas e todas as palavras que surgiram foram colocadas em um papel de forma aleatória. Após, através de uma ferramenta de priorização, que evidenciava quais as temáticas mais relevantes para o campo da Saúde Coletiva, foram selecionadas dezenove palavras-chave, sendo essas: *Complexo de Cinderela*; papéis de gênero; dependência feminina; liderança feminina; contos de fada; dependência financeira; dependência emocional; relacionamento abusivo; relações de gênero; violência doméstica; violência psicológica; discrepância salarial; mulheres no mercado de trabalho; síndrome da impostora; padrão de beleza; equiparação salarial; autodepreciação; patriarcado; e protagonismo feminino.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://twitter.com>

A matriz de priorização utilizada considerou os seguintes critérios: volume de resultados, alcance máximo de pessoas afetadas e importância nos processos de saúde. Definiu-se uma pontuação de 1 a 3 para cada um dos critérios e a soma das pontuações resultava no grau de importância da palavra-chave. Foram selecionadas as palavras que obtiveram resultado da soma igual ou maior que 7. Os dados obtidos através da pesquisa pelas palavras-chave foram separados em seis categorias, para facilitar a análise dos resultados, sendo elas: *Complexo de Cinderela*; Papéis de gênero; Mercado de trabalho; Relacionamento abusivo; Síndrome da impostora; e, Libertação.

A pesquisa foi feita através de janelas anônimas, entretanto, ressalta-se que, mesmo através de buscas anônimas, há a possibilidade de interferência do algoritmo, uma vez que, os algoritmos estão presentes no cotidiano de majoritária parte dos indivíduos e é necessário um conhecimento muito aprofundado sobre esse para que se possa realizar uma pesquisa sem sua interferência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, os resultados obtidos foram organizados em uma planilha, em que foram incluídas as informações sobre qual rede social foi publicada, qual categoria (dentre as seis indicadas na metodologia), data de publicação e link<sup>6</sup>.

Os contos de fada têm influência incontestável na construção da subjetividade do indivíduo e, por sua vez, ensinam as meninas, espectadoras ou não, a seguirem no caminho da obediência, domesticidade e feminilidade. Trazendo a problemática para o universo de Cinderela, a personagem, em diversas situações durante sua trajetória, posterga infinitamente seus desejos enquanto indivíduo em nome da obediência.

Como observado nas publicações coletadas, pode-se afirmar que a alegria e contentamento de Cinderela ao realizar as atividades domésticas reforçam declaradamente a naturalização da ideia de que “lugar de mulher é em casa” e que para ser considerada boa, toda e qualquer mulher, sem exceção, deve fazer todos os serviços domésticos sem questionar ou contestar. A ideia de abdicar das vontades próprias também se aplica a outras esferas da convivência, nas quais mulheres não conseguem dizer “não”, pois foram ensinadas a serem boas e abdicarem de suas vontades, conforme declara Manuela Xavier (2022).

---

<sup>6</sup> Em respeito ao Movimento da Ciência Aberta, os dados estão disponíveis em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1JIFEckDcsQnLFBx8rrgnea9U6Nfb485Gw9m6gP3wvKo/edit#gid=0>

Para mais, Cinderela reforça um padrão de beleza extremamente questionável na realidade atual. Refere-se ao padrão de beleza europeu. Esse é um padrão que vem sendo frequentemente questionado por alguns movimentos sociais, até porque a “beleza” é relativa e deveria ser uma aceção pessoal sobre si. Em decorrência da ênfase violenta do padrão branco europeu, em concordância com o artigo “Reflexões sobre a corporeidade e padrões de beleza a partir de Merleau-Ponty”, de Sayla P. C. Pimenta (2007), é comum se notar um número grande de mulheres que gastam excessivamente com estética e dieta, uma vez que visam atingir esse padrão estabelecido para que possam recuperar a autoestima a partir da aparência, já que, atualmente, a beleza não seria um item conquistado por todas as mulheres.

Um exemplo de consequência do padrão de beleza de Cinderela, é a declaração da publicação abaixo, proveniente da atriz Débora Secco, a qual esteve quase sempre dentro do padrão, em que ela afirma que tomou remédio para emagrecer dos 15 anos até 1 ano depois que sua filha nasceu, o que corresponde a aproximadamente vinte e dois anos, mostrando que também foi afetada pela cultura que obriga mulheres a se sentirem belas apenas quando estão inseridas na caixinha limitante do padrão de beleza previamente estabelecido.

**Figura 1 - Padrão de Beleza**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cn5K1DYuLxV/?igshid=ZDhmZGlxNmQ%3D>

O mesmo acontece na publicação seguinte, a qual nos permite fazer uma reflexão sobre a beleza padronizada, uma vez que essa traz alguns exemplos de mulheres famosas que, ao conquistarem um maior poder aquisitivo, realizaram diversos procedimentos estéticos para ficarem próximas ao conceito de beleza, fazendo referência a mensagem irônica, que viralizou na internet, a qual afirma que mulheres não são feias, mas na realidade pobres, revelando a objetificação das mulheres ao precificá-las.

Figura 2 - Você não é feia, você é pobre



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CkyV3s2O-Tc/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Em outra perspectiva, alguns resultados trazem a reflexão sobre como mulheres foram criadas com a premissa de que fazem parte de outro alguém, que, em majoritária parte das vezes, é um homem, concluindo que a existência dessas não independe de outra pessoa. Para além disso, supostamente atrelado a essa pessoa, estariam também a proteção, sustento e felicidade (frequentemente ligada ao matrimônio). O que não causa espanto, já que durante a maior parte do século XIX, o próprio ser e/ou existência jurídica de uma mulher estavam vinculados ao casamento, incorporando-a na existência jurídica do marido, que era compreendido como seu protetor e provedor, em conformidade com o afirmado no artigo "Uma genealogia da dependência e suas implicações para o feminismo e a política.", de Ilze Zirbel (2016).

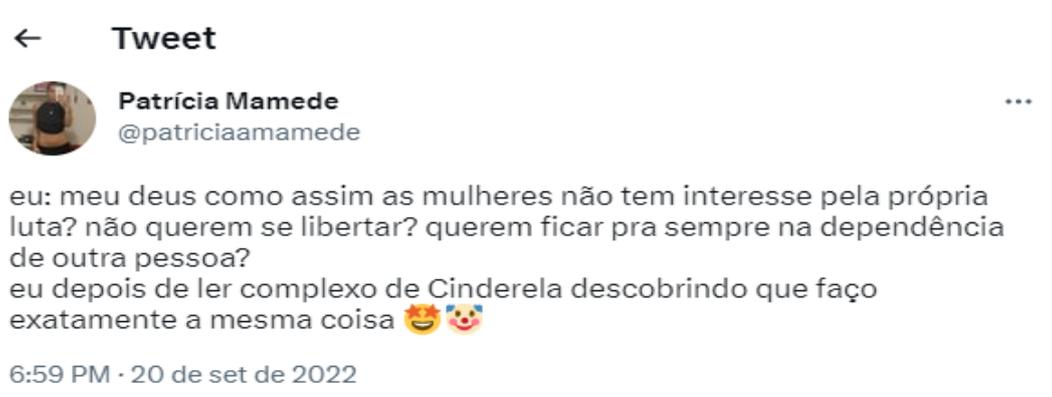
Essa premissa não é, ou deve ser, verdadeira, uma vez que se entende que a liberdade é possível e necessária, entretanto, não facilmente alcançada em função do medo inconsciente do despreparo para lidar com as ramificações e que ela apresenta, isso porque o medo provém da criação das mulheres, as quais foram ensinadas e treinadas a não enfrentarem esse e sim para que permaneçam em lugares e contextos teoricamente seguros, nos quais essas estariam protegidas.

A afirmativa anterior é visível na redação do artigo “Mulheres com medo de dirigir: um olhar além das aparências.”, de Adriana M. K. da Silva e Janinha Trenhago (2014), ao referir que medos como esse, na realidade, se relacionam com situações que englobam um perfil psicológico específico e uma construção social histórica que envolve papéis de gênero, desamparo e por consequência a autopercepção de incapacidade. Essa linha de criação difere muito daquela que se relaciona aos homens, os quais aprendem desde o nascimento a importância da independência e coragem.

Algumas das publicações coletadas fazem menção/referência a partes do livro de Colette (1981), menção essa que carrega a ideia de que os homens são criados sob a importância da auto-suficiência. Em contrapartida, as mulheres são expostas a afirmativa de que em algum momento da vida, independente da realidade nas quais se encontrem, serão salvas pelo sexo oposto. Colette (1981) trabalha em seu livro a questão da mulher considerada independente, quando, na realidade, essa alegação é uma fábula, pois majoritária parte das mulheres não estão internamente libertas, o que é resultado da constante incidência das crenças sociais em seu subconsciente que reiteram incessantemente a dependência irrefutável de uma figura masculina.

Na publicação abaixo pode-se notar o relato de uma mulher, a qual se viu por diversas vezes replicando discursos teoricamente desobrigados e revolucionários quando, efetivamente, se tratava de uma máscara remodelada pelo patriarcado a fim de manter mulheres dentro de caixas dispostas para serem controladas, sem ao menos terem consciência disso. A situação em questão mostra que a socialização da mulher se dá de maneira veemente e desonesta, reprimindo, seja qual for, a possibilidade de autonomia.

**Figura 3 - Complexo de Cinderela no inconsciente**



Fonte: [https://twitter.com/patriciaamamede/status/1572344659938246659?s=48&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/patriciaamamede/status/1572344659938246659?s=48&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

O que nos permite analisar o discurso presente na fala de grande parte das pessoas, também encontrado nos dados coletados, no qual afirma que a garota que acredita em príncipe

encantado é ingênua, atestando também que só há proveito onde há ingenuidade. É importante que possamos trazer essa convicção de discurso à tona para ressaltar que o *Complexo de Cinderela* não afeta apenas garotas consideradas “ingênuas” por alguns com maior grau de instrução, pois na realidade se trata de uma construção social que tem influência sobre a vida de todas as mulheres, não estando em questão a ingenuidade dessas.

Para além da abordagem já trazida, se faz válido mencionar que a ideia de que homens foram criados para a liberdade e liderança e mulheres para dependência e obediência é verídica e está presente em diversos contextos dignos de alerta. É muito comum que mulheres sejam acometidas em maior porcentagem e intensidade pela Síndrome da Impostora, por exemplo, conforme citado anteriormente durante esse estudo e reiterado pela revista “Forbes”, em reportagem referenciada, na qual se baseia em afirmações do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) (FORBES, 2022).

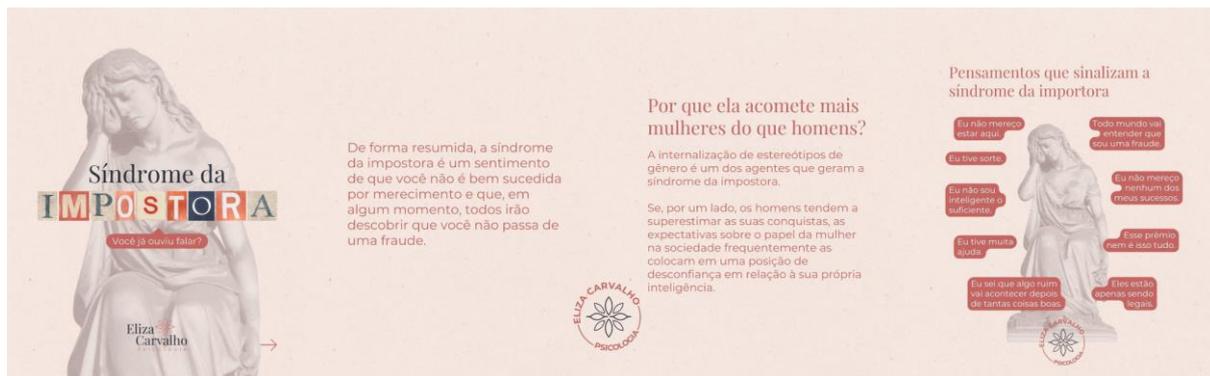
O exposto acima acontece porque a sociedade faz com que essas acreditem ser uma fraude e não merecedoras de sucesso, já que esse sucesso é coletivamente destinado a homens, ainda que medianos em comparação a uma mulher. A dúvida sobre si e sua competência as atinge em diferentes âmbitos da vida, uma vez que drena sua autoconfiança e não a permite enxergar sua aptidão e potencial.

Um exemplo prático é o de uma mulher que, na maior parte das circunstâncias, não sabe lidar com elogios e acaba por responder com autodepreciação. Situações como essa são muito comuns, já que o gênero feminino sofre pressão em variados aspectos sociais e desenvolvem inseguranças relacionadas ao trabalho, autoestima, capacidade individual e etc. Essa pressão é construída e aplicada desde a infância, concomitantemente com a falta de incentivo a saída do círculo vicioso de cumprimento dos papéis de gênero.

A Síndrome da Impostora pode ser resumida, de acordo com os dados obtidos durante a pesquisa, no sentimento que várias mulheres possuem ao acreditarem não serem bem sucedidas por questão de merecimento e que, para além disso, a qualquer momento alguém irá descobrir a suposta fraude que são, já que se sentem incapazes em diversas situações. A síndrome em questão acomete mais as mulheres do que os homens, em função, principalmente, dos estereótipos de gênero. Os homens são incentivados a viver aventuras, enquanto mulheres são incentivadas a permanecerem em situações seguras, conforme reitera Reshma Saujani, fundadora do “Girls Who Code”, uma organização internacional sem fins lucrativos, o que, socialmente, cria mulheres inseguras e homens corajosos, conforme reportagem disposta no site “zenklub” (2022).

Como mulheres são criadas para a dependência e homens para a independência, é fácil entender o porquê mulheres duvidam mais de si mesmas. Uma das publicações coletadas, a qual está disposta a seguir, traz alguns exemplos de pensamentos que podem sinalizar a presença da síndrome em foco, como por exemplo: “Eu não mereço estar aqui.”; “Eu não sou inteligente o suficiente.”; “Essa conquista nem é tudo isso.”; ou “Eles estão apenas sendo educados.”. Pensamentos de autossabotagem são muito frequentes em mulheres que questionam seu mérito e capacidade, tendo em vista que por toda vida não foram encorajadas a superarem limites.

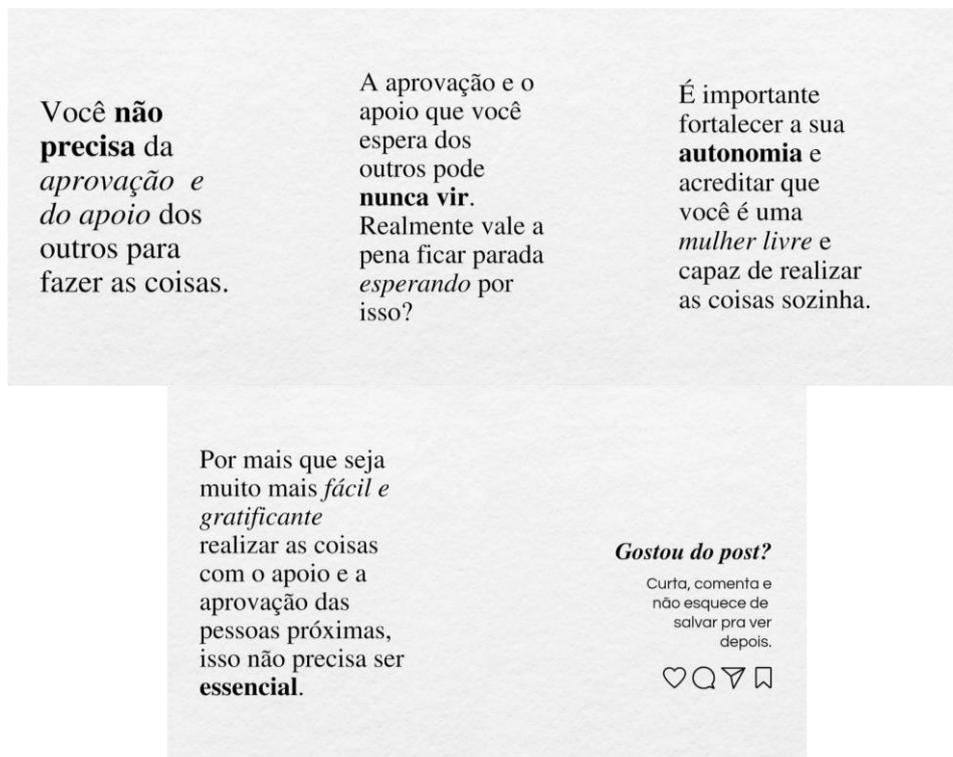
**Figura 4 – Síndrome da Impostora**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cn0G2QQPlqa/?igshid=ZDhmZGlxNmQ%3D>

É necessário que, em um primeiro momento, através do apoio de uma rede, a mulher consiga se reconhecer enquanto sujeito capaz, para que possa compreender sua autossuficiência e direito a dignidade, conforme publicação abaixo, afinal, como firmado na “Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher”, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU, 1979), a discriminação à mulher viola os princípios de igualdade de direitos e respeito à dignidade humana, o que representa um obstáculo para o aumento do bem-estar da sociedade e da família. Na conjuntura em que a mulher percebe sua capacidade, ela deixa de depender da aprovação e apoio do outro e passa a viver por si.

**Figura 5 - Mulheres precisam de autonomia**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Chsx6INJ\\_d7/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D](https://www.instagram.com/p/Chsx6INJ_d7/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D)

A Síndrome da Impostora possui algumas decorrências padrões, o que por um lado facilita a identificação e uma posterior tomada de consciência. Por exemplo, a publicação abaixo traz 3 características da síndrome e que afeta muitas mulheres em diferentes realidades e contextos. A primeira delas é a crença de que em qualquer momento irão descobrir que a mulher em questão não é capaz, quando na realidade as mulheres são capazes e não se sentem dignas de estar em tais posições por consequência da socialização da mulher e desamparo social.

A segunda característica é a acepção de que qualquer um pode fazer o que determinada mulher está fazendo, de forma a menosprezar seus próprios esforços e conquistas, tratando como medíocre e facilmente alcançável o que na realidade poderia ser considerado por muitos como *Complexo*. Em terceiro lugar a premissa de que mulheres não conseguem executar determinadas tarefas, trazendo para o campo individual o que, na realidade, se trata de uma construção social que permeia recortes sociais como gênero, classe e raça. Tais recortes dificultam os acessos às oportunidades, por exemplo, o que auxilia na manutenção das desigualdades.

Figura 6 - Três mentiras que a impostora te conta



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbFiFIYupTc/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

De encontro à discussão anterior, pode-se observar na análise dos dados que muitas vezes, mulheres que estão inseridas em ambientes machistas e racistas, são “diagnosticadas” com a Síndrome da Impostora. É comum notar a correlação entre liderança feminina e a síndrome, por exemplo, já que a estrutura gera essas questões que afetam a confiança das mulheres. O que vai de encontro a essa afirmativa é a pesquisa feita por Isabel Cuadrado, da Universidade da Almería, na qual foram entrevistadas 195 pessoas, dentre elas homens e mulheres, e os estereótipos masculinos foram mais lembrados pelos entrevistados quando o assunto era referente a características importantes em uma liderança, conforme aponta a reportagem, referenciada, da revista online “Você S/A”, em 2019.

É fácil identificar que grande parte das pessoas não se sentem confortáveis em ter uma mulher como CEO ou como líder política. A afirmativa é visível nos resultados obtidos, uma vez que o protagonismo feminino percentualmente trazido por alguns é extremamente baixo em comparação ao masculino. Na publicação abaixo, a autora também levanta a dificuldade que homens brancos héteros têm em acatar ordens de uma liderança feminina em qualquer frente de trabalho, o que é resultado de uma construção social acerca da capacidade das mulheres, o que justifica os dados de um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, em que, ao analisar todos os cargos de gestão, constatou que as mulheres ocupavam apenas 38% deles.

Figura 7 – Liderança feminina



Fonte: [https://twitter.com/carolstuvrt/status/1620450222584504320?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/carolstuvrt/status/1620450222584504320?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

A discriminação exemplificada no parágrafo anterior é sistemática e gera insegurança, sentimento de incompetência e falta de confiança, o que é resultado da composição da sociedade por papéis de gênero que norteiam as aceções pessoais e coletivas desde a infância. Não à toa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a Síndrome da Impostora um sintoma e não um transtorno. Sintoma este que é consequência das desigualdades e estereótipos de gênero.

É comum que dentro do ambiente de trabalho as mulheres sejam descredibilizadas em função dos estereótipos de gênero. A publicação a seguir discorre sobre os rótulos que são destinados às mulheres, a exemplo do senso comum de que mulheres são mais emotivas que os homens. O post se fundamenta em um experimento, realizado em 2022, que mostrou que, em uma discussão, ao pedir para uma mulher se acalmar, automaticamente causa a deslegitimação de seus argumentos quando avaliados, o que não acontece com homens, mesmo em circunstâncias idênticas, uma vez que esses não possuem o rótulo de “emotivos”.

**Figura 8 – Mulheres não são mais emotivas que homens**

**Mulheres são mais emotivas que homens? Não.**

Mas um recente estudo comprovou que estereótipos que rotulam mulheres como “emotivas” minam a credibilidade de seus argumentos e afetam a forma como suas ideias são recebidas.

**Forbes**

Labeling Women As ‘Emotional’ Undermines Their Credibility, New Study Shows

\*Rotular as mulheres como “emotivas” prejudica sua credibilidade, mostra novo estudo

O senso comum carrega a crença de que mulheres são naturalmente mais emocionais e, consequentemente, menos racionais.

Atentas a isso, pesquisadoras da Pennsylvania State University decidiram checar como essa percepção afeta a forma como seus pontos de vista são recebidos.

O estudo simulou uma discordância entre duas pessoas:

Durante a simulação, as pesquisadoras interrompiam a discussão e pediam para uma delas se acalmar, manipulando a interpretação do público de que ela estava se exaltando.

**RESULTADO**

Mulheres instruídas a se acalmar tiveram seus argumentos avaliados como menos legítimos. Mesmo em circunstâncias idênticas, isso não afetou a percepção sobre os homens. As pessoas não acreditavam no rótulo de emotivos para homens.

Quando falamos de mulheres negras, este estereótipo é ainda mais violento.

Sendo consideradas raivas (angry black women) em qualquer circunstância em que se comportam de maneira não submissiva.

Um exemplo disso é Kamala Harris, vice-presidente dos Estados Unidos, que já foi chamada de histérica por ter feito perguntas desafadoras e aguçadas em um julgamento.

**Kamala Harris and the ‘Double Bind’ of Racism and Sexism**

\*Kamala Harris e o duplo julgamento que recebem as duas coisas.

Estereótipos são maneiras de limitar a atuação das mulheres, que são penalizadas ao demonstrarem emoções.

E interfere em suas formas de liderar, muitas vezes sendo consideradas autoritárias ou “frias”.

Em outras palavras, não haverá equidade de gênero enquanto os padrões duplos de avaliação entre homens e mulheres não forem combatidos.

A transformação começa sempre pela cultura. Você está fazendo a sua parte?

1 em cada 8 pessoas ainda possui dúvidas sobre as capacidades emocionais das mulheres para os cargos políticos.

Estudo da Georgetown University Center de 2019 demonstrou que

Estereótipos de “perfeccionista” afetando mulheres em áreas regulares incluem de liderança

Algo que se “perfeccionista” afetando mulheres em áreas regulares incluem de liderança

Algo que se “perfeccionista” afetando mulheres em áreas regulares incluem de liderança

Fonte: <https://www.instagram.com/p/C1gUKOyOdyf/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Os estereótipos que cercam as mulheres e descredibiliza seus argumentos, afetam a forma como suas ideias são recebidas, o que faz parte da lógica social baseada nos papéis de gênero, afirmação essa feita pelas pesquisadoras da *Pennsylvania State University*, responsáveis pelo estudo referido anteriormente. A publicação anterior mostra que, mesmo que homens e mulheres estejam sujeitos às mesmas experiências de entusiasmo, a interpretação de suas ações varia de acordo com o gênero, isso sem mencionar as mulheres negras que são vistas constantemente como raivosas ao não se comportarem de maneira submissa.

Cabe nessa linha de raciocínio o questionamento levantado nos dados coletados acerca do motivo pelo qual mulheres em posição de liderança estão pedindo demissão. Isso acontece porque ainda há a mentalidade de que o trabalho destinado as mulheres é o trabalho doméstico, por esse motivo, ainda que mais qualificadas, mulheres acabam por ocupar a mesma posição que homens medianos, os quais recebem maior reconhecimento simplesmente por serem do sexo masculino. De encontro com essas acepções, pode-se ressaltar os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no dia 04 de março de 2021, que comprovam que, em 2019, mulheres receberam apenas 77,7% do salário dos homens, embora, na faixa etária entre 25 e 34 anos, 25,1% das mulheres possuíssem conclusão do ensino superior, contra 18,3% dos homens.

As situações dispostas acima são um pouco contraditórias na medida em que mulheres possuem, no geral, um maior sentido de liderança do que os homens, afirmação essa solidificada pela publicação a seguir, que traz um experimento social que aconteceu no ano de 2000 e viralizou. O experimento colocou dez meninos e dez meninas em duas casas, uma para meninos e outra para meninas. Vale ressaltar que as crianças não se conheciam, não era permitida a entrada de pais, adultos ou responsáveis e todos os participantes eram obrigados a realizar um curso de culinária antes de entrarem na casa.

**Figura 9 - Por que a sociedade hesita em colocar mulheres no poder?**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cm\\_-YcPOsOd/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D](https://www.instagram.com/p/Cm_-YcPOsOd/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D)

É evidente que em ambas as casas surgiram problemas, mas ainda assim foi possível comparar o comportamento dos meninos e meninas, permitindo a observação das consequências sociais das regras de gênero. Os meninos se apresentaram desnutridos, eram desorganizados e não possuíam rumo para estabelecer regras na casa. Já as meninas, estavam a maior parte do tempo bem alimentadas, tinham senso de comunidade e eram organizadas e higiênicas. Isso permite concluir que meninas são educadas para serem mais responsáveis do que os homens e ainda assim há hesitação em colocar mulheres em posições de poder.

A Figura abaixo traz um dos exemplos de liderança feminina que tiveram êxito e que trazem questões importantes de serem levantadas. A publicação em questão carrega o discurso de Jacinda Ardem ao renunciar ao cargo de primeira-ministra da Nova Zelândia. No discurso Jacinda traz elementos de uma personalidade feminina ideal que sempre foi ensinada a mulheres e dá a entender que não há algo errado em possuir essa personalidade, desde que se tenha consciência de que também se pode ser aquilo que destinam exclusivamente a homens, ou seja: fortes, decisivas, focadas líderes. Exemplos como o de Jacinda são fundamentais para a quebra de paradigmas que permeiam a construção dos papéis de gênero na sociedade.

Figura 10 - Jacinda Ardem



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cn1C5lnNmKB/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Para além das dificuldades já trazidas, pode-se colocar em evidência a ressalva ao assédio destinado a mulheres no mercado de trabalho, também levantado em diversas das

publicações coletadas. É importante evidenciar essas violências presentes nesse ambiente, já que, segundo a pesquisa “A mulher na Comunicação - sua força, seus desafios”, realizada pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje, 2022), 72% das participantes já enfrentaram assédio no mercado de trabalho. É inegável a ausência de equidade de gênero nessa esfera. Há uma enorme diferença de participação dos gêneros, por exemplo, no ambiente em questão, essa acontece, na maior parte das vezes, em função da imposição dos papéis de gênero e do fator assédio, o que gera a desqualificação das mulheres para o mercado formal e uma experiência sórdida nesses ambientes, em razão da sua objetificação enquanto indivíduo.

A publicação abaixo, por exemplo, traz o panorama das mulheres na liderança de empresas, trazendo dados do ano de 2021, obtidos através de um estudo realizado pela B3, uma das principais empresas de infraestrutura de mercado financeiro no mundo, no qual consta que 61% das companhias constantes no estudo, que contabilizam 408 empresas, não possuem mulheres no setor executivo e 45% das companhias não têm ocupação feminina no conselho administrativo. Para além disso, no segmento empresarial que integra o Novo Mercado, 89% das empresas tinham apenas uma ou nenhuma mulher entre os diretores e 3% possuíam três ou mais mulheres entre os diretores.

**Figura 11** – Panorama das mulheres na liderança de empresas (2021)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ca732w8lxPq/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Há um avanço da pauta que aborda mulheres em cargos de liderança, mas ao mesmo tempo não se pode se satisfazer com esse avanço, já que esse é pequeno e está longe da equidade de gênero. A descredibilização das mulheres citada anteriormente é fator contribuinte para esse cenário, mas mesmo quando essas já se encontram inseridas no mercado de trabalho

sua permanência nele é dificultada excessivamente pelo índice de assédios e estereótipos de gênero que descredibilizam as denúncias, como por exemplo a ideia de “mulher interesseira” que quer crescer financeiramente fundamentada em denúncias falsas, o que é visivelmente uma afirmação absurda, mas que ainda possui credibilidade em muitas acepções, já que a mulher é vista como indivíduo dependente e o homem como indivíduo provedor.

Outro fator contribuinte para a iniquidade de gênero no mercado de trabalho é a discrepância salarial entre homens e mulheres, como citado de maneira breve anteriormente. As publicações analisadas trazem a afirmativa de que em majoritária parte dos casos, as mulheres são condicionadas aos serviços domésticos e afins e que, mesmo quando há um desvio dessa realidade e elas se inserem no mercado de trabalho, essas precisam se esforçar muito mais que os homens para que sejam reconhecidas igualmente, mesmo que se mostrem mais capazes que os homens, os quais alcançam um grande leque de reconhecimento mesmo sendo incompetentes em muitas das vezes, o que também é visível nos salários estabelecidos.

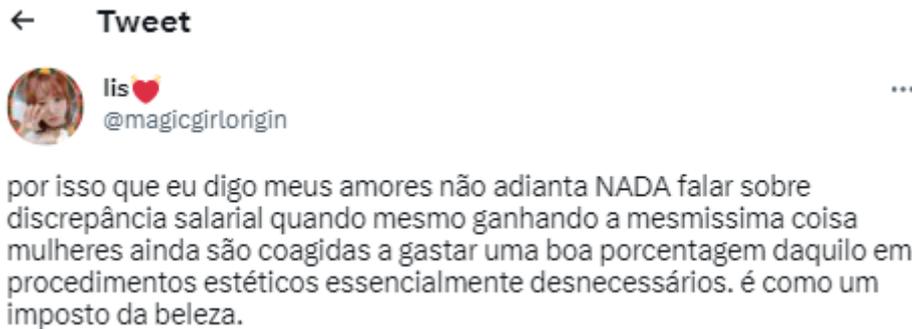
Alguns outros dados coletados trazem a perspectiva jurídica a respeito da discrepância salarial, nos quais pode-se observar a presença do artigo 461 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o qual afirma que “sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, no mesmo estabelecimento, corresponderá a igual salário, sem distinção de sexo, etnia, nacionalidade ou idade”. Ainda nesse âmbito, a equiparação salarial está prevista no artigo 7º, inciso XXX da Constituição Federal (1988).

Ambas as legislações garantem a suposta equiparação salarial, o que na prática não funciona da mesma maneira, uma vez que é habitual encontrar mulheres que desempenham a mesma função de um homem em determinadas empresas, ou apresentam um desempenho superior, e ainda assim recebem um salário menor do que esses. Ainda referente a pesquisa realizada pela Aberje, em 2022, é possível comprovar que, dentre as organizações participantes, em 23% dessas, o que equivale a um quarto ( $\frac{1}{4}$ ), a remuneração da mulher é menor que a do homem no mesmo cargo e em 33% a mulher tem menos oportunidades de crescimento profissional que os homens.

Cabe ressaltar também o exposto na publicação abaixo, uma vez que, mesmo se existisse a equiparação salarial na prática, de nada serviria sem uma remodelação dos papéis de gênero e construções sociais acerca das performances da feminilidade, já que as mulheres ainda são coagidas culturalmente a gastar grande parte da sua renda na indústria da beleza, como em procedimentos estéticos por exemplo, pois, como exposto no livro *O mito da beleza*, de

Naomi Wolf (1990), existe a crença atual de que só se consegue alcançar a felicidade correspondendo ao padrão de beleza estabelecido.

**Figura 12** - Discrepância salarial e indústria da beleza



Fonte: [https://twitter.com/magicgirlorigin/status/1401310725222678531?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/magicgirlorigin/status/1401310725222678531?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

Ademais, é válido mencionar que os papéis de gênero são muito bem estabelecidos socialmente, o que faz com que esses sejam influência predominante nas problemáticas trazidas. Por exemplo, em alguns dos posts analisados, é comum observar que homens e mulheres foram ensinados a terem condutas diferentes em relação a um mesmo ponto focal, tal como o sexo. Homens são ensinados a abordar o sexo de maneira completamente oposta as mulheres. Enquanto o genero masculino é encorajado a perder a virgindade desde muito cedo, e muitas vezes são direcionados a profissionais do sexo para tal, em contrapartida as mulheres são ensinadas a preservar sua virgindade e renunciar seu desejo sexual em nome do seu valor enquanto mulher.

As diferenças comportamentais entre o sexo feminino e o sexo masculino não são biológicas, são meramente construções sociais padronizadas. Quando uma mulher age de forma oposta ao que lhe foi ensinado, é muito comum que elas sejam atacadas e ofendidas pela sociedade. Contribuinte a reflexão, pode-se destacar a publicação abaixo, a qual é composta por uma tirinha que retrata algumas situações recorrentes, mas com papéis inversos, o que causa desconforto e estranheza no leitor, já que desde muito cedo aprendemos a naturalizar algumas atitudes e discursos provindos especificamente dos homens.

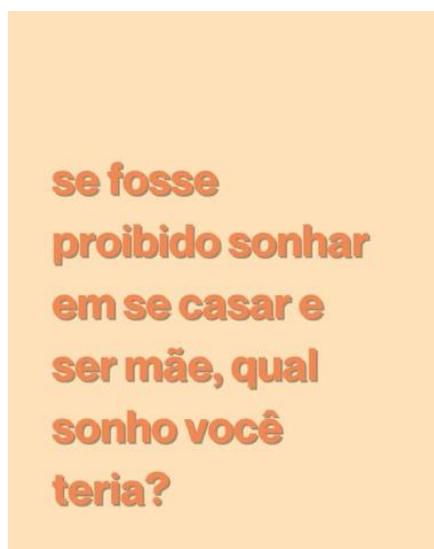
Figura 13 - Inversão de papéis



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ci8JN0AH3DT/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Para além de comportamentos individuais, mulheres também são coagidas a terem seus objetivos correspondendo a uma mentalidade coletiva de que toda mulher deve servir ao matrimônio e cultivar a maternidade. Simone de Beauvoir (2009) afirma que dentro da construção social a mulher só se realiza quando aceita o seu destino fisiológico e abriga em seu ventre a vida de outro ser. A publicação abaixo levanta o questionamento acerca da veracidade desses objetivos, uma vez que, esses são frutos da socialização da mulher, de forma a não permitir que esses sonhos sejam concebidos de imune às expectativas coletivas.

Figura 14 – Sonhos



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cfov\\_i6l\\_7f/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D](https://www.instagram.com/p/Cfov_i6l_7f/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D)

Outra perspectiva sobre as consequências do *Complexo de Cinderela* diz respeito à dependência em relação ao gênero masculino no âmbito emocional, por exemplo, já que, como identificado em uma parcela dos resultados obtidos, as próprias mulheres subentendem que outra delas sofre com a solidão por estarem na ausência de um companheiro. Isso é reflexo de uma cultura que exalta a presença e necessidade de homens e resulta em mulheres que possuem “sede” inconsciente desses, o que regularmente coloca-as na mira de relacionamentos abusivos.

Algumas das publicações trazem consequências práticas do *Complexo* para as mulheres, como por exemplo a baixa autoestima, o medo de sair da zona de conforto, a dependência já citada anteriormente, o desejo de ser cuidada e resgatada, bem como a crença de que um relacionamento amoroso heteronormativo irá resolver seus problemas, como se ter alguém no âmbito amoroso fosse salvá-las de seus respectivos vazios existenciais.

A relação da validade de existência de uma mulher com um relacionamento amoroso heteronormativo, sob a promessa de segurança emocional e física, é um “tiro no pé”. Atrair a felicidade à um parceiro ideal, ainda mais com criações tão antagônicas, é muito delicado e geralmente resulta em mulheres que possuem concepções limitantes a respeito de si mesmas, o que afeta a autoestima, a independência, o senso de perigo, a autossuficiência e o instinto de sobrevivência.

Na figura a seguir, há um relato de uma mulher, no qual sua mãe a alerta sobre o *Complexo de Cinderela* e afirma que este diz respeito a mulheres inteligentes que não progredem na vida por medo de ficarem sozinhas, o que por sua vez se trata de uma afirmação verdadeira, já que, como visto anteriormente, o *Complexo* parte de uma construção social na qual há a consolidação da ideia de dependência em relação a um homem. Isso, por si só, já causa uma visão de mundo comprometida, já que as mulheres passam a não se sentirem capazes de viverem por si, e atrelam o sucesso de absolutamente todos os aspectos da sua vida a uma outra pessoa, não conseguindo se ver satisfeita enquanto indivíduo independente.

### Figura 15 – Conselho de mãe



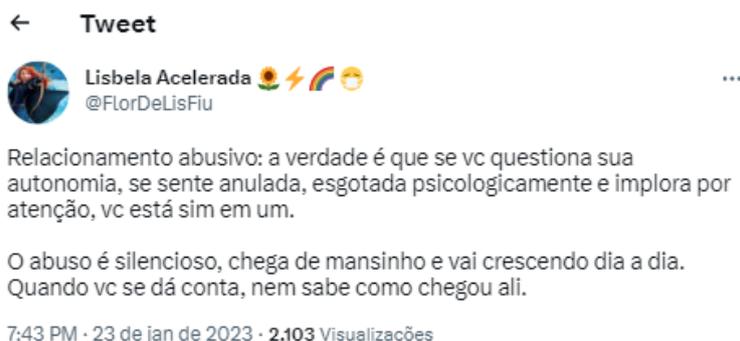
Fonte: [https://twitter.com/loriensemloth/status/1366093828105646083?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/loriensemloth/status/1366093828105646083?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

Através da análise dos resultados, também pode-se evidenciar uma crítica a respeito da ideia de relacionamento ideal baseada nos contos de fadas, trazendo a perspectiva de que contos de fadas são perfeitos, quando na realidade não são, muito menos quando o ponto focal é a vida digna de uma mulher. As postagens trazem uma crítica aos contos de fadas e suas performances dentro do contexto de um relacionamento amoroso que se mostram extremamente problemáticas e que, na vida real, acabam resultando na necessidade de terapia, supondo nessa conjuntura que a mulher tenha conseguido se libertar daquele contexto, já que, segundo o artigo “Cinderela: a mulher contemporânea”, de Silvana da Silva Pereira (2014), desde pequenas as mulheres são incentivadas a uma dependência doentia.

É comum que em decorrência dos desdobramentos do *Complexo de Cinderela* na vida das mulheres, estas se encontrem em algum momento inseridas num contexto de violência, principalmente atrelada a vida amorosa/afetiva. Cabe aqui ressaltar que existem muitos estereótipos acerca da mulher que vive uma relação abusiva, estereótipos esses extremamente equivocados, pois mulheres independentes e empoderadas também estão sujeitas a passar por essas situações, isso porque elas não dizem respeito às mulheres, e sim a estrutura social que as coloca nessas situações. A exemplo do caso recente de relacionamento abusivo que aconteceu em rede nacional, durante o programa Big Brother Brasil 2023. Nessa situação é possível ver uma quebra de expectativa em relação ao estereótipo da vítima, bem como as nuances de um relacionamento abusivo que não se caracteriza apenas pela violência física.

Frequentemente as pessoas só definem como uma relação abusiva aquela na qual existe agressão física, o que é completamente inverídico, já que existem diversos outros tipos de violência, contextualizados anteriormente, que também estão presentes em uma relação abusiva, conforme o artigo “Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final”, de Raquel Silva Barreto (2018). A publicação abaixo mostra alguns sentimentos que permeiam a vivência da vítima do abuso, ressaltando que esse pode acontecer de maneira silenciosa e crescer a cada dia, fazendo com que a vítima nem tome consciência do que está acontecendo.

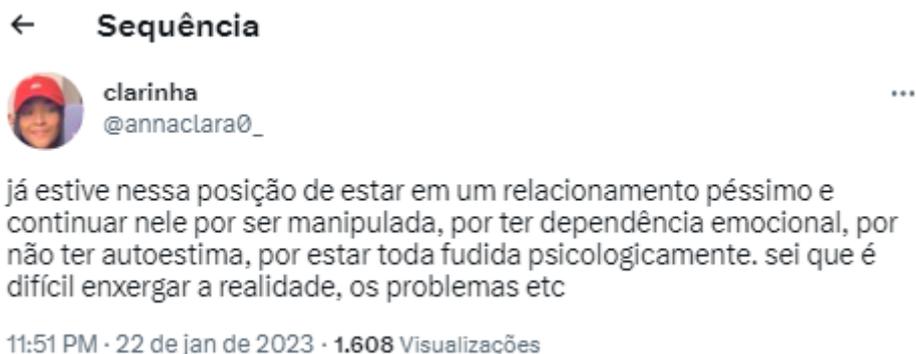
## Figura 16 – Abuso silencioso



Fonte: [https://twitter.com/flordelisfiu/status/1617654369683636224?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/flordelisfiu/status/1617654369683636224?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

Dentro da relação abusiva, é recorrente que a vítima sofra de dependência emocional em relação ao abusador, dependência essa que potencializa a gravidade da situação, uma vez que essa leva a vítima a naturalizar comportamentos inaceitáveis, já que essa não consegue enxergar a gravidade das situações nas quais está inserida. O post abaixo traz um relato de uma mulher que esteve no lugar de vítima e que pode confirmar a dificuldade que existe em enxergar, de dentro da relação abusiva, as problemáticas que permeiam a existência da relação.

## Figura 17 - Dependência emocional



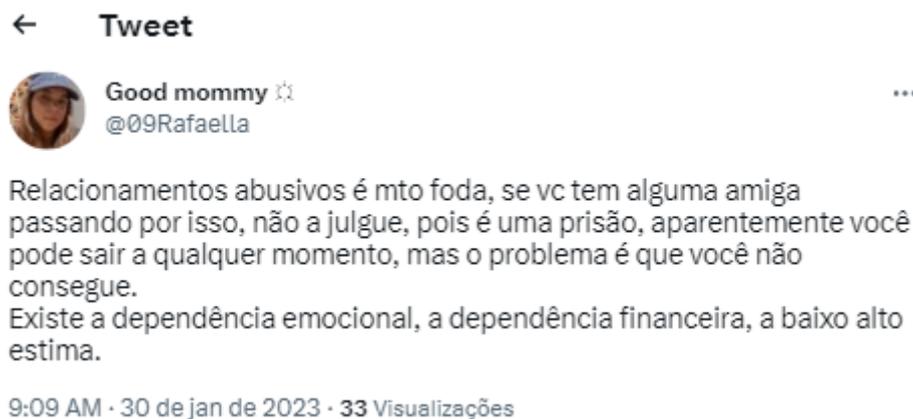
Fonte: [https://twitter.com/annaclara0\\_/status/1617354388896419840?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/annaclara0_/status/1617354388896419840?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

Em uma situação de dependência emocional, as mulheres têm sua autoestima afetada negativamente, uma vez que a formação dela depende de terceiros, ou seja, enquanto vítimas dessa situação de dependência, essas perdem a capacidade de agir, tomar decisões sozinhas e assumir a responsabilidade por suas ações, já que toda a sua construção enquanto sujeito é projetada na existência de outra pessoa. O artigo “A mulher e a dependência afetiva: laços de amor que causam dor”, de Priscila Pereira da Silva e Laura Freire de Andrade (2018), mostra de forma evidente as consequências que a dependência

gera nas mulheres e afirma que muitas delas nessa situação passam a “suportar” humilhações e violência em prol da manutenção do relacionamento.

Na conjuntura da dependência emocional, as pessoas tendem a julgar a vítima por se colocar naquelas situações, quando na realidade ela mal tem consciência do que está vivendo e não permanece ali por escolha própria. Ademais, muitas mulheres que passaram por uma relação abusiva, ao longo da pesquisa, relatam através de redes sociais a dificuldade que existe em sair dessas situações, mostrando que para quem enxerga a relação de fora, a percepção da gravidade é muito mais fácil. Uma das publicações analisadas, disposta abaixo, traz a necessidade de abordar a vítima com delicadeza, pois se trata de uma situação complexa.

**Figura 18 – Consequências**



Fonte: [https://twitter.com/09rafaella/status/1620031485796548608?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C\\_w](https://twitter.com/09rafaella/status/1620031485796548608?s=12&t=B8AnJe0shFXzPoPGIk0C_w)

O *Complexo de Cinderela* contribui com a probabilidade da mulher passar por abusos emocionais na medida em que as faz acreditar que devem sempre serem boas e conseqüentemente mais propensas a perdoar, enquanto homens são raramente culpabilizados pelas suas próprias atitudes, afinal, como reitera o artigo “Violência de gênero e desconstrução de crenças”, de Maria Celeste Macedo Dominici (2018), no contexto da violência contra a mulher, geralmente a responsabilidade da agressão é atribuída a vítima, uma vez que o autor do dano minimiza a relevância do fato, com argumentos fundamentados na ideologia machista.

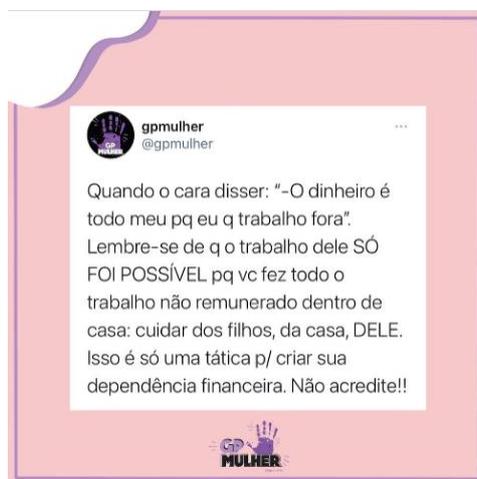
Para além da dependência emocional, o relacionamento abusivo, por muitas vezes, interfere também em outras esferas da vida das mulheres. Foi possível identificar nas publicações essa interferência, por exemplo, na vida profissional, uma vez que, em função das situações de abuso, a permanência no emprego fica comprometida, já que essas mulheres são submetidas ao estresse diário, destinando grande parte da sua energia a esses episódios de abuso desgastantes. Outra interferência são os recorrentes atrasos ou faltas no trabalho, bem

como a queda do desempenho e produtividade, já que tudo isso afeta a satisfação do empregador.

Essa interferência, muitas das vezes, resulta na dependência financeira, presente também dentro do contexto da violência patrimonial, que acontece em diversas conjunturas, mas comumente se apresenta através da retenção do salário da vítima e na destruição de objetos pessoais e de trabalho. Tais episódios também podem ser acompanhados de muita violência psicológica. Ambas formas de coerção citadas anteriormente, englobadas pela violência patrimonial, são caracterizadas em lei como violência (lei 11.340/2006), mas raramente são reconhecidas pelas vítimas como tal, o que é bastante frisado no artigo “O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas”, de Rita Cássia B. R. Pereira, Maria das Dores S. de Loreto, Karla Maria D. Teixeira e Juna M. M. de Souza (2013), o que dificulta o acesso a dados que representem a realidade a partir de denúncias.

Outra situação recorrente que obtém como resultado a dependência financeira, é o fato de que as mulheres continuam sendo destinadas às atividades domésticas, as quais não são tão valorizadas quanto o trabalho fora. No contexto em que um homem trabalha fora, enquanto a mulher cuida da casa e dos filhos, é fácil perceber que o homem só conseguiu desempenhar esse trabalho, porque a mulher esteve o tempo todo realizando o trabalho não remunerado em casa. Embora isso seja óbvio, o trabalho doméstico ainda não é reconhecido por muitos, o que abre a possibilidade dos homens se apropriarem do dinheiro “ganho por eles”, conforme exemplificado na publicação a seguir.

**Figura 19 - Trabalho não remunerado**

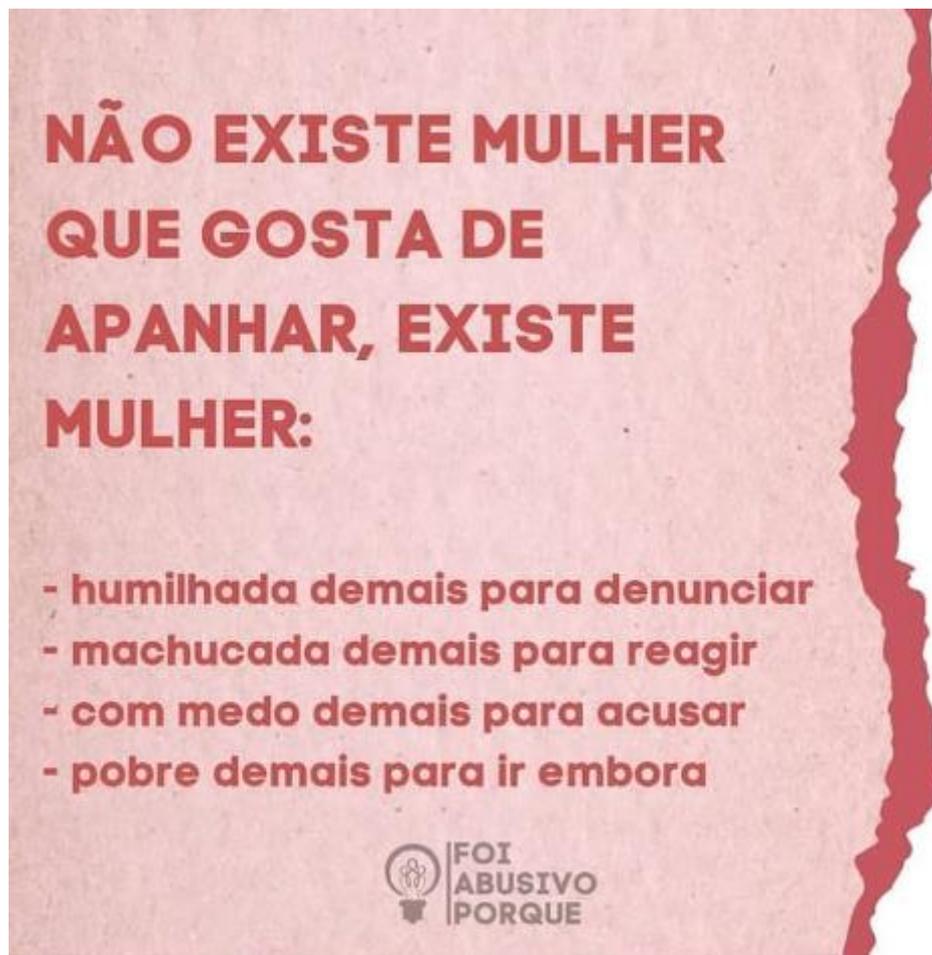


Fonte: [https://www.instagram.com/p/CRD\\_M3ODZvy/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CRD_M3ODZvy/?utm_source=ig_web_copy_link)

É muito importante lembrar também que, conforme ressalta a publicação abaixo, não existem mulheres que permanecem em relações afetivas violentas porque gostam da situação em que se encontram, mas sim mulheres inseridas em contextos desumanos que a

impossibilitam de denunciar seu agressor, a exemplo da dependência emocional e financeira. Mulheres permanecem em situações de violência, principalmente também em função da socialização das mulheres, falta de recursos e estratégias abusivas. Daniel G. Saunders, a partir de sua pesquisa “Relacionamentos abusivos: por que é tão difícil para as mulheres “simplesmente ir embora”, publicada no site *The Conversation* (2018), afirma que o homem abusivo adota discursos e condutas manipuladoras que garantem a imutabilidade da vítima naquela situação.

**Figura 20 - Manutenção do abuso**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CLr8fhilfC/>

É comum que as estratégias de abuso tenham semelhanças mesmo entre relações abusivas distintas, isso porque os homens tendem a reproduzir as mesmas medidas de controle que impossibilitam sua vítima de receber o apoio necessário para sair dessas situações, como por exemplo afastar a vítima de sua família e amigos, inviabilizando sua rede de apoio. Também é comum que o homem abusivo tome posse da renda da vítima ou a retire da sua fonte de renda, artimanhas essas que resultam na dependência financeira e psicológica da

vítima em relação ao seu abusador, para além do menosprezo e destruição da auto confiança da vítima, que se vê na posição de responsável pelos ocorridos.

A publicação abaixo traz a afirmativa de que a dependência financeira é um dos principais obstáculos para mulheres denunciarem o agressor. A publicação informa que uma de cada 4 mulheres agredidas, não denunciam o agressor porque dependem financeiramente dele. Esse dado foi retirado de uma reportagem antiga, segundo a autora da publicação, e hoje em dia pode ser potencializado, principalmente em função da pandemia do Covid-19 que agravou os números de violência doméstica, conforme artigo “Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19” (2022), de Lídia de Jesus Souza e Rita de Cássia Pereira Farias.

**Figura 21** - Dependência financeira como obstáculo de denúncia

## **Dependência financeira: obstáculo para mulheres denunciarem agressor**

De cada quatro mulheres agredidas,  
uma não denuncia o agressor porque  
depende financeiramente dele.  
Transpor essa barreira é uma das  
maiores dificuldades.

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CIZFTupKmBk/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CIZFTupKmBk/?utm_source=ig_web_copy_link)

Para além do exposto, é comum que se observe o perdão por parte da vítima da relação, não é à toa que mulheres tendem a reatar relacionamentos tóxicos com seus ex-parceiros. A publicação abaixo discorre sobre essa situação afirmando que as mulheres são ensinadas desde muito cedo que devem ser pacientes, maleáveis, compreensivas e, sobretudo, entender que homens amadurecem mais lentamente e que, por esse motivo, precisam de algumas segundas chances.

Segundo reportagem da “Universa/UOL” (2017), para Jane Felipe, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Grupo de Estudo da Infância (GEIN), mulheres são vítimas de uma construção social forte que encurta o tempo de infância e estabelece a valorização da imagem jovem erotizada como sinônimo de

amadurecimento, o que explica o porquê da crença social de que as mulheres amadurecem mais rápido que os homens, quando, de fato, elas só são objetificadas cada vez mais cedo. De modo geral, as mulheres não contestam essas concepções coletivas porque são constantemente levadas a questionar suas próprias decisões e negar suas individualidades, coagidas de forma a não conseguirem quebrar o ciclo de violência.

**Figura 22** - Retomada de relacionamentos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CODKYJ-r13z/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Nessa mesma premissa de bondade, mulheres não conseguem ao menos se sentir no direito de sentir raiva de quem a abusou e/ou agrediu. É comum que mulheres se sintam, na realidade, culpadas em contextos de violência, principalmente quando submetidas a violência intrafamiliar, com reiterado no “Cadernos de Atenção Básica N°8” (2002), no qual há confirmação de que mulheres e crianças muitas vezes de culpam ao se sentirem responsáveis pelos atos violentos dentro dessa conjuntura, ideia essa que é reforçada pelas concepções sociais. Também sendo válido mencionar, conforme publicação abaixo, que para além da autoculpabilização, elas estão sujeitas as respostas patriarcais provenientes das instituições como a polícia, a medicina e semelhantes, já que a sociedade e as instituições acabam imprimindo a culpa na vítima, o que mostra a reportagem, referenciada, de Juliana Gagnani na “BBC NEWS Brasil” (2017).

Figura 23 - Reação ao abuso



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cd6jnl-PkSU/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D>

Meninas são ensinadas a não reagir, a perdoar e a aceitar em diversas conjunturas, por esse motivo suas reações raramente as libertam das situações abusivas, muito pelo contrário, são parte de uma estrutura que visa mantê-las presas em um looping de submissão a situações, ao violador, ao Estado, aos afetos traumáticos e etc. Esse cenário resulta no aumento progressivo de mulheres colocadas em situação de “posse” de um terceiro, ora em nome do amor, ora em nome da proteção e assim por diante.

Desde muito cedo, mulheres são coagidas a acreditarem que devem abdicar de suas vontades para atender as necessidades e desejos do outro, conseqüentemente, é comum que essas não saibam negar algo com facilidade, já que tendem a priorizar a vontade alheia, o que por muitas vezes, como visto anteriormente, resulta em mulheres que não enxergam a importância de sua existência enquanto indivíduos independentes. Haja vista, como foi inventada a construção social de que mulheres não são seres dignos de possuírem vontade própria, frequentemente essas tem suas vontades questionadas, como exemplifica a publicação abaixo.

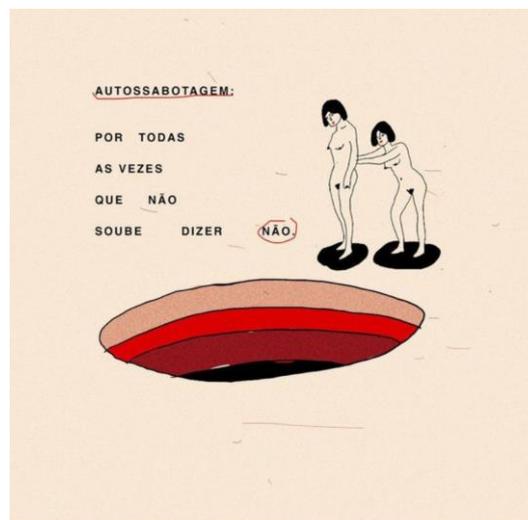
**Figura 24 - A questão do “não”**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/B\\_0PYrtpKCC/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D](https://www.instagram.com/p/B_0PYrtpKCC/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D)

Faz-se, então, importante mencionar que, por muito tempo na história as mulheres não eram reconhecidas enquanto indivíduo, como apresentado de diversas formas no artigo “A igualdade entre homens e mulheres no ordenamento jurídico brasileiro”, de Ana Cristina Teixeira Barreto (2015), dentre as quais podemos citar o fato de que, apenas com a promulgação da Constituição de 1934, garantiu-se às mulheres o direito ao voto. A publicação abaixo usa da linguagem visual para metaforicamente jogar fora sua versão que nunca soube dizer “não” para algo ou alguém, o que, por sua vez, simboliza a libertação da mesma, colocando, finalmente, seus desejos e vontades em patamar de prioridade. Aprender que sua existência importa, e que é necessário que se institua o respeito a essa, é o primeiro passo para a desejada autonomia feminina.

**Figura 25 – Libertação**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CkoAlBaQ1\\_E/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D](https://www.instagram.com/p/CkoAlBaQ1_E/?igshid=ZDhmZGIxNmQ%3D)

A vista do exposto, devido a todas problemáticas citadas, mulheres são mais propensas a desenvolver transtornos de ansiedade, por exemplo. No contexto da violência doméstica, especificamente, a qual é recorrente dentro de relacionamentos abusivos aos quais mulheres que sofrem do *Complexo de Cinderela* estão mais propensas a se submeterem em função das resultâncias desse, como por exemplo a dependência emocional, segundo o artigo “Violência doméstica contra mulheres, políticas públicas e agentes comunitários de saúde na Atenção Primária Brasileira”, de Marcos Claudio Signorelli, Angela Taft e Pedro Paulo Gomes Pereira (2018), mulheres estão sujeitas a criação de múltiplos agravos à saúde dessas.

Na conjuntura citada, segundo Angela Alves Correia de Souza e Raquel Barbosa Cintra, em “Conflitos éticos e limitações do atendimento médico à mulher vítima de violência de gênero” (2018), a violência doméstica contra a mulher resulta em sequelas nas esferas física, emocional, familiar e econômica, constituindo problema de saúde pública. Para além disso, a violência contra a mulher, num contexto geral, está fundamentada nas construções de gênero e seus respectivos papéis sociais, conforme exposto no artigo “Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde”, de Lilia B. Schraiber e Ana Flávia Lucas Pires d'Oliveira (1999).

Compreender que a influência dos contos de fada, em especial o de Cinderela, tem interferência na construção dos sujeitos enquanto indivíduos sociais, é fundamental para que se pautem a atuação desses no contexto de saúde das mulheres, já que, com base no artigo citado acima sobre as interfaces da violência com a saúde, a exemplo da violência conjugal, essa resulta em consequências para a saúde que vão além dos traumas óbvios das agressões físicas, o que podemos associar com perturbações no âmbito da saúde mental, bem como no bem estar social das mulheres, o que caracteriza quebra da saúde plena dessas, conforme conceito definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1960).

Ademais, por outro panorama, pode-se ressaltar que, segundo reportagem da “BBC NEWS Brasil”, publicada em 2019, também referenciada, o salário das mulheres brasileiras com filhos, por exemplo, é, aproximadamente, 35% menor que o das que não têm filhos. É oportuno lembrar que a maternidade é vista como obrigatoriedade na vida das mulheres, sendo assim, introduzindo a baixa do salário destinado a mães, é visível a presença de uma sequência de condutas sociais que subalternizam a existência do ser feminino, o colocando sempre submetido a situações desfavoráveis a sua sobrevivência.

Outrossim, o *Complexo de Cinderela*, como exposto anteriormente, resulta em mulheres que apresentam fortes frustrações em relação a si mesmas e suas capacidades, que afetam, como também provém, de diversas esferas da vida dessas, como a amorosa, profissional e pessoal. Tal frustração em relação a si e às conjunturas sociais, além de gerar consequências

na vida prática, como medo e conseqüente acomodação, ou também falta de oportunidades, é de indispensável importância salientar que essa pode desencadear quadros de depressão e ansiedade.

Com base no artigo “Depressão numa contextualização contemporânea”, de Fernanda Cavalcante Esteves e Alda Luiza Galvan (2006), é possível declarar que a frustração é um estímulo poderoso a impulsos destrutivos. O artigo ressalta que, por esse motivo, pessoas com quadros depressivos tendem a possuir pensamentos de morte, para além de pensamentos carregados de baixa auto-estima, autodepreciação e etc. Sendo assim, a frustração gerada pelo *Complexo de Cinderela* nas mulheres, pode ocasionar episódios nos quais se perde o sentido da existência.

Ainda relacionado à esfera profissional, é fato que a situação das mulheres no mercado de trabalho difere muito da dos homens, devido às questões trabalhadas anteriormente, provenientes do *Complexo* em questão. Dessa forma, é relevante mencionar que, de acordo com matéria publicada no site da “Unicorp - Saúde e Segurança do Trabalho” (UNICORP, 2023), as condições as quais as mulheres estão reféns nesse ambiente também tem impacto na saúde dessas, uma vez que abusos físicos e verbais, caracterizados como assédio, bem como a desvalorização do trabalho, podem desencadear problemas como estresse, ansiedade e depressão, já que mulheres tendem a sofrer uma maior pressão no ambiente de trabalho, para além do esforço maximizado, em relação ao dos homens, para alcançar reconhecimento e destaque.

Pode-se ainda, levantar a notoriedade do padrão de beleza, reiterado pelo *Complexo* referido, em relação à saúde das mulheres. Como exposto anteriormente, atingir o padrão de beleza estabelecido, exemplificado por Cinderela, é uma meta que envolve grande parte da existência das mulheres, o que, por sua vez, as leva a situações de grande perigo, para além das conseqüências da insatisfação compulsiva e associação do corpo à felicidade na saúde mental dessas. As situações mencionadas são empenhadas no artigo “O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso”, de Virginia Costa Lima Verde Leal, Ana Maria Fontenelle Catrib, Rosendo Freitas de Amorim e Miguel Ângelo Montagner (2010).

No artigo acima citado há a confirmação de que muitas mulheres recorrem a cirurgias estéticas para alcançar os padrões físicos estabelecidos, fato esse de extrema problemática, uma vez que, no caso dessas cirurgias, conforme reitera o artigo, as possibilidades de infecção, problemas com anestesia, hemorragias, cicatrizes e outros impasses são minimizados e poucos divulgados. Para além disso, o sofrimento do pós-operatório e os riscos de toda a conjuntura cirúrgica são absolvidos em nome do culto à beleza.

Logo, tendo em conta o trabalho até então, é possível afirmar que o *Complexo de Cinderela*, tal qual suas consequências na vida das mulheres, possuem forte atuação na condição de saúde dessas, isso porque traz danos à vida das mesmas em níveis preocupantes, como em relação a sua perspectiva sobre si, sua inserção e retrato no mercado de trabalho, sua inserção em relacionamentos problemáticos a partir do desenvolvimento de fenômenos sucedidos de inércia involuntária, sua subalternização em relação ao outro e sua objetificação enquanto indivíduo social.

Por fim, é de bom tom registrar que, o *Complexo de Cinderela*, e a influência que possui em relação a vida das mulheres, constitui um problema de saúde pública, já que coloca em jogo o bem-estar físico, mental e social dessa parcela da população. Sendo assim, é de extrema importância salientar essa pauta, uma vez que, segundo a Constituição Federal (1988), “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultado do trabalhado ao longo desse estudo, faz-se importante mencionar que, analisar uma problemática, que influi na saúde de uma população, a partir da própria perspectiva dos sujeitos que a compõe, é de extrema relevância, uma vez que, por consequência, permite direta e indiretamente a participação social na identificação de uma sequência de acontecimentos que sucedem no adoecimento do recorte populacional em questão.

Para além disso, diante da variedade de informações contidas nos dados coletados, foi possível definir seis categorias principais, relacionadas à temática em estudo, de forma a facilitar o desenvolvimento das discussões e disposição dos resultados. Através dessa categorização, foi possível perceber não só que as categorias comumente se relacionam entre si, mas também que há a identificação de uma mesma publicação com demasiadas categorias, o que sinaliza e comprova que, dentro da temática do *Complexo de Cinderela*, existe uma linha de raciocínio que também pode ser interpretada como um encadeamento de acontecimentos e influências que estão interligados.

Em síntese, através desse estudo pode-se concluir efetivamente que o *Complexo de Cinderela* tem influência direta na saúde das mulheres. Sua influência se dá através das decorrências que esse gera na vida dessas, como por exemplo o compilado de características

coletivas, que provém de construções sociais reiteradas pelos contos de fadas, que sucedem na condenação e permanência de mulheres em de situações de violência e desumanidade. Além disso, este afeta as mulheres na medida em que emprega contextos de desigualdade de gênero na percepção social, gerando discrepância salarial, síndrome da impostora em função dos papéis de gênero, objetificação do indivíduo mulher em nome da satisfação dos prazeres do sexo oposto, bem como adversidades que determinam a falta de sentido de existência nesses indivíduos.

Logo, o *Complexo* em questão alcança todas as esferas da vida da mulher, sujeito esse que acaba por desenvolver condutas danosas à sua saúde, também estando expostas a danos de origem externa a si. Dessa forma, é notável a relevância do levante dessa pauta para a promoção da saúde da mulher, isso porque as decorrências do *Complexo* na saúde dessas se configura, conforme o trabalhado, como problema de saúde pública, sendo responsabilidade dos entes e indivíduos que compõem o sistema de saúde, formular e executar estratégias de prevenção e promoção a saúde das mulheres, fazendo-se necessário também, no âmbito da educação em saúde, conduzir aprendizagens a respeito da desigualdade de gênero, bem como das outras construções sociais que permeiam essa, a fim de realizar ajustes indispensáveis em relação às concepções coletivas.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer minha família, em especial meus pais, Silmara e Julio, minha irmã, Anny, minhas avós, Áurea e Vera, minha madrinha, Carla e minha cadela, Catarina (que embora não vá conseguir ler esse estudo, foi essencial para a determinação da minha individualidade, sensibilidade como pessoa e se apresentou como refúgio em momentos atribulados), que sempre estiveram ao meu lado incentivando minhas lutas e vivências, além de estarem constantemente visando meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Faço ressalva a importância dos meus pais na minha construção enquanto indivíduo, o que me permitiu ter ciência da importância das lutas sociais e minha participação nelas. Agradeço, principalmente, a minha mãe, que sempre me permitiu ter ela como exemplo de mulher e me mostrou a importância da nossa independência e autossuficiência. Mãe, eu te vejo.

Agradeço também às minhas supervisoras de estágio, Raíssa e Marina, que colaboraram com o desenvolvimento desse estudo e me ensinaram coisas que vão além da perspectiva da graduação. Reitero também a importância que Raíssa teve na minha vida, durante um ano

e meio em que esteve como referência para mim enquanto profissional e pessoa. Sou grata também aos meus colegas de trabalho, em especial às mulheres, que, durante meu período de estágio, sempre estiveram disponíveis para me auxiliar nas mais diversas situações e mostraram a capacidade gigantesca de figuras femininas no ambiente de trabalho. Saliento também meu agradecimento a minha coordenadora de estágio, Laura, que compartilhou de ideais e princípios comigo e se mostrou uma profissional extremamente qualificada e empática.

A minha orientadora Cristianne, por me auxiliar, incentivar e apoiar em momentos muito angustiantes e trabalhosos, para além de acreditar no meu potencial enquanto pessoa e sanitarista. Cris sempre se mostrou uma profissional de excelência e disposta a colaborar com tudo.

Quero agradecer meus amigos, Gaelfie e Hadryel, que sempre estiveram comigo e dispostos a me ajudar em qualquer conjuntura, principalmente em relação a construção dessa pesquisa. O apoio deles foi fundamental para que eu continuasse minha jornada na graduação da melhor maneira possível.

Por fim, quero agradecer a mim mesma por não ter desistido de lutar pelo que acredito e por sempre procurar agregar na vida das pessoas, buscando constantemente aprender mais sobre os indivíduos e sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABERJE. A MULHER NA COMUNICAÇÃO, SUA FORÇA, SEUS DESAFIOS: VEJA RESULTADOS DA PESQUISA E DEBATE SOBRE CARREIRA COM EXECUTIVAS. 2022. Disponível em: <<https://www.aberje.com.br/mulher-na-comunicacao-sua-forca-seus-desafios-veja-resultados-pesquisa-debate-sobre-carreira-executivas/>>. Acesso em: 05 de fev. 2023.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. *Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas*. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Em%202019%2C%20146%2C7%20milh%C3%B5es,homens%20\(78%2C6%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Em%202019%2C%20146%2C7%20milh%C3%B5es,homens%20(78%2C6%25)>)>. Acesso em: 18 set. 2022.

ALMEIDA, Aline. “SOU UMA FRAUDE (?): EXPLICANDO A SÍNDROME DO IMPOSTOR”. Repositório Institucional da UFPB BDTD - UFPB UFPB - Campus I - João Pessoa Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Set. 2020. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20341/1/AlineCarvalhoDeAlmeida\\_Tese.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20341/1/AlineCarvalhoDeAlmeida_Tese.pdf)>.

ALVES, Silvana; ZANDONADI, Antônio. A mulher moderna e o complexo de Cinderela. *Revista FAROL*, v. 3, n. 3, p. 126-141, mar. 2017.

BARRETO, Ana. "A IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO". Ed. São Paulo: Saraiva, 2015. Disponível em: <[https://anadep.org.br/wtksite/cms/conteudo/9875/IGUALDADE\\_20ENTRE\\_20HOMENS\\_20E\\_20MULHERES\\_20NO\\_20ORDENAMENTO\\_20\\_20\\_20\\_20\\_20JUR\\_DICO\\_20BRA\\_SILEIRO\\_1\\_.pdf](https://anadep.org.br/wtksite/cms/conteudo/9875/IGUALDADE_20ENTRE_20HOMENS_20E_20MULHERES_20NO_20ORDENAMENTO_20_20_20_20_20JUR_DICO_20BRA_SILEIRO_1_.pdf)>.

BARRETTO, Raquel. "RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVES AO PONTO FINAL". *GÊNERO|Niterói|v.18|n.2|* |1. sem.2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31312/18401/106587>>.

BBC NEWS BRASIL. 11 motivos que levam as mulheres a deixar de denunciar casos de assédio e violência sexual. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41617235>>. Acesso em 07 fev. 2023.

BBC NEWS BRASIL. Como a desigualdade no pagamento entre homens e mulheres prejudica a economia brasileira. 2019. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46655125>>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BEAUVOIR, Simone. (1949) *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENETON, Kelly. Os Contos de Fadas e a Formação do Ser Humano. *Revela, Periódico de Divulgação Científica da FALS*, dez. 2013.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. "Violência intrafamiliar/Orientações para a prática em serviço". Cadernos de Atenção Básica N° 8. Série A - Normas e Manuais Técnicos; n° 131. 2002. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia\\_intrafamiliar\\_cab8.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar_cab8.pdf)>.

CASSEPP-BORGES, Vicente. Identificação dos adolescentes de hoje com a personagem de Cinderela. *BOLETIM DE PSICOLOGIA*, VOL. LVII, N° 127: 239-254, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432007000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200009)>

CNN BRASIL. Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge/>>. Acesso em: 4 fev. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. *Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia*. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html>>. Acesso em: 23 set. 2022.

CRESCER. *Escola de Princesas chega a São Paulo e gera polêmica*. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2016/10/escola-de-princesas-chega-sao-paulo-e-gera-polemica.html>>. Acesso em: 18 set. 2022.

DIFERENÇA. Tipos de violência. Disponível em: <<https://www.diferenca.com/tipos-de-violencia/>>. Acesso em: 29 jan. 2023.

DOMINICI, Maria. "VIOLÊNCIA DE GÊNERO E DESCONSTRUÇÃO DE CRENÇAS". n° 54/dezembro de 2018. Disponível em: <[https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD\\_54-Viol%C3%Aancia-de-G%C3%Anero-e-Desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-Cren%C3%A7as.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_54-Viol%C3%Aancia-de-G%C3%Anero-e-Desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-Cren%C3%A7as.pdf)>.

DOWLING, Colette. *Complexo de Cinderela*. Trad. de Amarylis Eugênia F. Miazzi. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2022.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). *Dia Internacional da Mulher: 8 motivos para ser feminista*. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2016/03/dia-internacional-da-mulher-oito-motivos-para-ser-feminista>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

ENCICLOPÉDIA JURÍDICA DA PUCSP. Convenções de direitos humanos sobre direitos da mulher. Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/527/edicao-1/convencoes-de-direitos-humanos-sobre-direitos-da-mulher->>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESCORSIM, Silvana. Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário. *R. Katál.*, v. 17, n. 2, p. 235-241, jul./dez 2014.

ESTEVES, Fernanda; GALVAN, Alda. “Depressão numa contextualização contemporânea”. *Aletheia*, n.24, p.127-135, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a12.pdf>>.

EXAME. 72% das mulheres sofreram assédio no trabalho, aponta pesquisa da Aberje. Disponível em: <<https://exame.com/esq/72-das-mulheres-sofreram-assedio-no-trabalho-aponta-pesquisa-da-aberje/>>. Acesso em: 5 fev. 2023.

FORBES. Síndrome da Impostora: o que é e como combater. 2022. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/08/sindrome-da-impostora-o-que-e-e-como-combater/>>. Acesso em: 3 fev. 2023.

FRASCA, TJ, LESKINEN, EA, & WARNER, LR (2022). Palavras como armas: rotular as mulheres como emocionais durante um desentendimento afeta negativamente a legitimidade percebida de seus argumentos. *Psychology of Women Quarterly*, 46 (4), 420–437. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/03616843221123745>>.

G1 ANDREA RAMAL. *Desigualdade entre homens e mulheres começa na infância*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/desigualdade-entre-homens-e-mulheres-comeca-na-infancia.html>>. Acesso em: 18 set. 2022.

G1 DIA DAS MULHERES. *Mulheres estão em 38% dos cargos de liderança no Brasil, mostra pesquisa*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-estao-em-38percent-dos-cargos-de-lideranca-no-brasil-mostra-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2022.

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. *Escola de princesas em Uberlândia supera expectativas de professora*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/07/escola-de-princesas-em-uberlandia-supera-expectativas-de-professora.html>>. Acesso em: 18 set. 2022.

GÊNERO E NÚMERO. *Mais mulheres, mais negros, menos avanço*. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/reportagens/mais-mulheres-mais-negros-menos-avanco/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

HENNINGTON, Élida; MENEGHEL, Stela. *Violências: O olhar da saúde coletiva*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Instituto Humanitas Unisinos, 2006.

HENRIQUES, Sara; ROSA, Lucia. “AS EXPRESSÕES DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA SAÚDE”. *Brazilian Journal of Development*, 6(3), 11959–11969, 3 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/7589>>.

INSTAGRAM. *Lela Brandão: É hora de falar meio sério e ser lida como grossa porque eu sou mulher.* Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/ChsEoRIFHu6/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em 18 set. 2022.

INSTAGRAM. *Manuela Xavier: 5 sinais que você sofre do Complexo de Cinderela.* *Instagram.* Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfmYaaSu8L6/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

INSTAGRAM. *Mídia Ninja: Não importa o quanto você se esforce para estar no padrão. Ele é criado para se transformar sempre e criar novas inseguranças.* Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cin4cM1APzd/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 18 set. 2022.

INSTAGRAM. *Planeta ELLA: As influenciadoras estão magras demais. Sim, isso é uma denúncia.* Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CiaeWHNOY9E/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 18 set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE COACHING (IBC). *Entenda o que é Complexo de Cinderela e o impacto do problema na carreira de gestoras..* Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/entenda-o-que-e-complexo-de-cinderela/>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

LEAL, Virginia; CATRIB, Ana; AMORIM, Rosendo; MONTAFNER, Miguel. “O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso”. *Ciênc. saúde coletiva* 15 (1) - Jan 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/pmHXpjLRpSYDd6gXKY3hgGd/?lang=pt>>.

MAÇAS PODRES. CINDERELAS NEGRAS: O Complexo de Gata Borracheira. Disponível em: <[http://nucleogenerosb.blogspot.com/2009/01/cinderelas-negras-o-complexo-de-gata\\_8326.html](http://nucleogenerosb.blogspot.com/2009/01/cinderelas-negras-o-complexo-de-gata_8326.html)>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MEIO&MENSAGEM. Síndrome da impostora: um problema das mulheres ou do ambiente de trabalho? Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/sindrome-da-impostora-um-problema-das-mulheres-ou-do-ambiente-de-trabalho>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

NA VEIA DA NÊGA. Existe Cinderela preta? Como a “Síndrome de Cinderela” pode afetar mulheres negras. Disponível em: <<http://www.naveiadanega.com.br/2015/07/existe-cinderela-preta.html>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). *Equidade de gênero em saúde.* Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/equidade-genero-em-saude>>. Acesso em: 25 out. 2022.

PEREIRA, Rita; LORETO, Maria; TEIXEIRA, Karla; SOUSA, Junia. “O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA PATRIMONIAL CONTRA A MULHER: PERCEPÇÕES DAS VÍTIMAS”. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 24, n.1, p.207-236, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/download/3653/1929>>.

PEREIRA, Silvana. “CINDERELA: A MULHER CONTEMPORÂNEA”. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/574/1/PEREIRA%20c%20S.%20S.%200-%20CINDERELA..%20A%20MULHER%20CONTEMPOR%c3%82NEA.pdf>>.

PIMENTA, Scyla. "Reflexões sobre corporeidade e padrões de beleza a partir de Merleau-Ponty". *Revista de História*, 4, 2 (2012), p. 133-145. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/download/28208/16731/98661>>.

PONTOTEL. Veja como surgiu a liderança feminina, quais suas características e dados no Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.pontotel.com.br/lideranca-feminina/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

RADIOAGÊNCIA NACIONAL. *Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-femicidio#:~:text=No%20ano%20passado%2C%20cerca%20de,dia%20simplesmente%20por%20serem%20mulheres.>>. Acesso em: 23 set. 2022.

SAÚDE PLENA. *Escola de Princesas chega a BH já causando polêmica nas redes sociais*. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2015/10/07/noticias-saude,186958/escola-de-princesas-chega-a-bh-ja-causando-polemica-nas-redes-sociais.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAÚDE PLENA. *Escola de Princesas reforça 'complexo de cinderela': especialista vê com preocupação sucesso de empresa mineira*. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2016/10/17/noticias-saude,195593/escola-de-princesas-reforca-complexo-de-cinderela-especialista-ve-c.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2022.

SCHRAIBER, Lilia; D'OLIVEIRA, Flávia. "Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde". *Ensaio - Interface (Botucatu)* 3 (5) - Ago 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/BcZTPKft66tc3WsQ3bMx8cs/?lang=pt>>.

SCHRAIBER, Lilia; OLIVEIRA, Ana; PORTELLA, Ana; MENICUCCI, Eleonora. Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 4, p. 1019-1027, Ago. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400009>>

SIGNORELLI, Marcos Claudio; TAFT, Angela; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência doméstica contra mulheres, políticas públicas e agentes comunitários de saúde na Atenção Primária Brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 93-102, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n1/1413-8123-csc-23-01-0093.pdf>>.

SILVA, Adriana; TRENHAGO, Janinha. "MULHERES COM MEDO DE DIRIGIR: UM OLHAR ALÉM DAS APARÊNCIAS". *Psicologia.pt*. O portal dos psicólogos, 2014. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0371.pdf>>.

SILVA, Ivaneide. "Complexo de cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault". v. 4 n. 1 (2016): *Revista ComSertões (2016)*. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/3104>>

SILVA, Ivaneide. Complexo de Cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault. *Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido (ComSertões)*, maio 2017.

SILVA, Ivaneide. Complexo de Cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault. *Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido (ComSertões)*, maio 2017.

SILVA, Priscila; ANDRADE, Laura. "A MULHER E A DEPENDÊNCIA AFETIVA: LAÇOS DE AMOR QUE CAUSAM DOR". *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 6 n. 1 (2018). Disponível em: <<http://jornalold.faculdadecienciasdavidia.com.br/index.php/RBCV/article/view/351/258>>.

SOUZA, Angela Alves Correia de; CINTRA, Raquel Barbosa. Conflitos éticos e limitações do atendimento médico à mulher vítima de violência de gênero. *Revista Bioética*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 77-86, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bioet/v26n1/1983-8042-bioet-26-01-0077.pdf>>.

SOUZA, Lídia; FARIAS, Cássia. "Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19". *Serv. Soc. Soc.* (144) - May-Sep 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>>.

SOUZA, Patrícia; ROS, Marco. "Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento". *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527, Outubro de 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/17670/16234/0>>.

SPOTIFY. #11 / as vezes acho que sou uma impostora. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/60P9pr7uSXjHqVvWTpvYHL>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

TEIXEIRA, Tainá. "VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS". *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, 2017. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498418638\\_ARQUIVO\\_ArtigoFazendoGenero-VersaoFinal.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498418638_ARQUIVO_ArtigoFazendoGenero-VersaoFinal.pdf)>

THE CONVERSATION. Relacionamentos abusivos: por que é tão difícil para as mulheres 'simplesmente ir bora'. 2018. Disponível em: <<https://theconversation.com/abusive-relationships-why-its-so-hard-for-women-to-just-leave-93449>>. Acesso em 6 fev. 2023.

UNICORP SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO. Como o trabalho afeta a saúde da mulher?. Disponível em: <<https://unicorpjundiai.com.br/como-o-trabalho-afeta-a-saude-da-mulher>>. Acesso em: 09 fev. 2023.

UNIVERSA UOL. O que está por trás da história de que menina amadurece mais cedo?. 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/11/10/o-que-esta-por-tras-da-historia-de-que-menina-amadurece-mais-cedo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

VOCÊ S/A. Por que as mulheres tendem a ser mais inseguras do que homens no trabalho. 2019. Disponível em: <<https://vocesa.abril.com.br/geral/por-que-as-mulheres-tendem-a-ser-mais-inseguras-do-que-homens-no-trabalho/>>. Acesso em: 3 fev. 2023.

VOGUE. "Não tenho marido, mas sou feliz": cresce o número de mulheres que não querem se casar ou terminam casamentos infelizes. Disponível em: <<https://voque.globo.com/sua-idade/noticia/2022/01/nao-tenho-marido-mas-sou-feliz-cresce-o-numero-de-mulheres-que-nao-querem-se-casar-ou-terminam-casamentos-infelizes.html>>. Acesso em: 18 set. 2022.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Trad. de Waldéa Barcellos. Rosa dos Tempos, 2018.

YOUTUBE. DONA DE MIM - Aula 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=04mVABa68Rg&t=858s>>. Acesso em: 27 out. 2022.

ZENKLUB. Autoestima Feminina: como o amor próprio pode te libertar. 2022. Disponível em: <<https://zenklub.com.br/blog/autoconhecimento/autoestima-feminina-liberta/>>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ZIRBEL, Ilze. Uma Genealogia da Dependência e suas Implicações para o Feminismo e a Política. In: XV Encontro regional de História, 2016, Curitiba. 100 anos da guerra do

contestado. Historiografia, acervos e fontes, 2016. Disponível em:  
<[http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468193190\\_ARQUIVO\\_artigo\\_enealogiadadependencia.Curitiba2016.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468193190_ARQUIVO_artigo_enealogiadadependencia.Curitiba2016.pdf)>.

WIKIPEDIA. *Colette Dowling*. Disponível em:  
<[https://en.wikipedia.org/wiki/Colette\\_Dowling#Bibliography](https://en.wikipedia.org/wiki/Colette_Dowling#Bibliography)>. Acesso em: 02 abr. 2023.